Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:020

30 DE ABRIL DE 1907

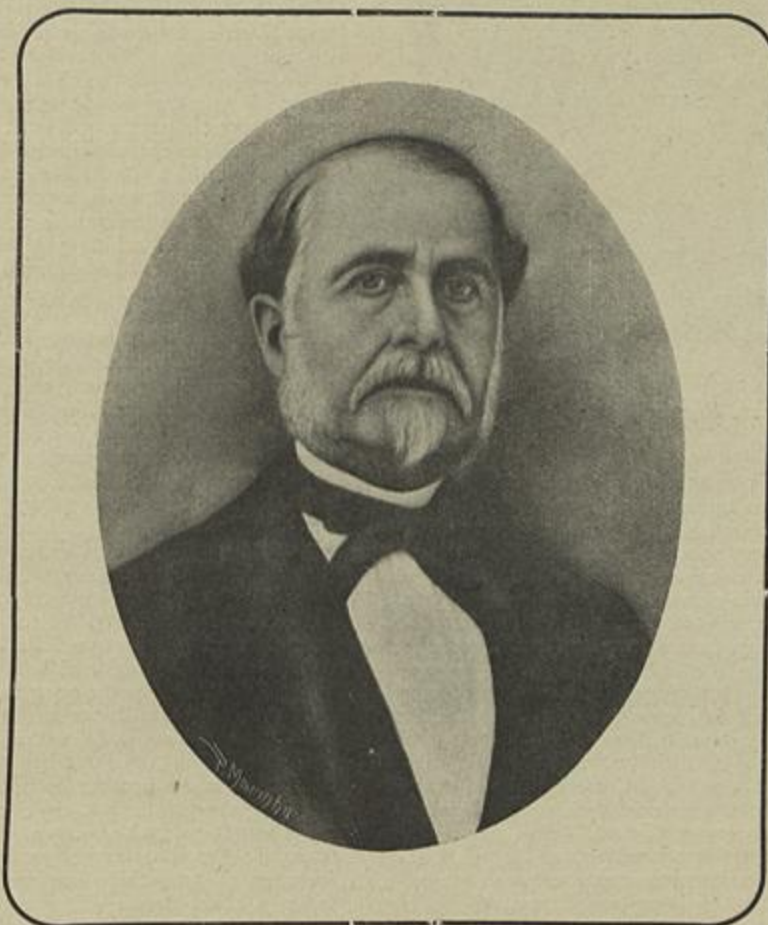
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa L. do Poco Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Centenario de Theotonio de Crnellas

Theotonio de Ornellas, Primeiro Conde da Praia da Victoria
Reproducção de um quadro a oleo

Palacio de Santa Luzia, Solar dos Condes da Praia da Victoria

Chronica Occidental

Quando eu li as revelações feitas pelos incendiarios da casa na Magdalena e se me revelou como maior culpado o bemquisto Leandro Gonzalez, não pude deixar de exclamar: — A gente honrada, que canalha!

Sahi de casa n'essa manhã, e o primeiro amigo que encontrei, foi como logo desabafou: — A gente honrada, que canalha!

Horas depois, pegava no *Primeiro de Janeiro* e lia *As Minhas Razões* de João Chagas, que assim começava o artigo, citando Zola.

Quer dizer que em meio de toda a piedade inspirada pelas victimas e de toda a indignação accesa pela brutalidade de tres homens, um sentimento predomina: o do odio profundo á hypocrisia.

Ha muito que Tartufo deixou de andar pelas egrejas de manhã a papar hostias, para á tarde papar jantares; caçando heranças com a astucia d'um ginete; d'olhos postos nos esplendores do céo e ventas arregaladas para os petiscos da terra. O progresso abriu-lhe muitas portas e elle passeia por toda a parte o ventresinho redondo.

Principios é coisa que já não ha: meia duzia de formulas contenta a humanidade. Do Evangelho faz-se troça; um codigo é tudo. Ser não é nada; parecer é bastante. Com um compendio de civilidade, o codigo penal bem annotadinho e meia duzia de logares communs rhetoricos, Tartufo sente-se com pernas de ferro, e eil-o arbitro de elegancias na sociedade, venerado no commercio ou na industria, dispondo até do futuro dos povos.

De quando em quando, porém, põe-lhe a Providencia a calva á mostra. Bem nos vai quando uma gargalhada o persegue e a troça o castiga, e o damno soffrido não foi maior que o do Anselmo arrependido de seus coitados e coitadinhos. D'esta vez foi infelizmente a lição muito cara. Para saber-se que o honrado negociante da nossa praça era o mais ignobil dos bandoleiros, foi preciso que centenas de espectadores assistissem ao mais horrivel dos espectaculos, ouvissem, compungidos, angustiosos gritos, vissem duas pobres creanças esmigalhar os craneos nas pedras da calçada, soubessem que filas de cadaveres estavam em decomposição sobre as mesas de pedra da Morgue.

E tudo isto porque um homem rico, acreditado, dispondo de quantos capitaes lhe apeteciam, lhe pareceram mal parados meia duzia de contos!

Chega-se a gente a esquecer do auctor principal do crime, uma fera estupida. O odio é todo para o cumplice, o conselheiro, o que se acreditou entre a gente de bem misturando almagre no colorão ou commettendo qualquer outra falsificação das que por ahi trazem a muitos a consideração geral, com que os vemos — pó pó-pó! — falando d'alto, auctorisados.

Parece que as declarações de Leandro Gonzalez no tribunal, já não são identicas ás que fez perante a policia. Aconselhou effectivamente a remoção das rendas, mas foi para livral-as d'uma penhora imminente: disse que em vez, de gasolina, como materia inflammavel, era mais prudente usar-se o alcool; mas disse-o por dizer, não como quem

aconselha: esteve a observar o fogo, mas sempre cuidando que um acaso o motivara.

Na ultima chronica algumas linhas escrevemos sobre a prudencia com que se deve fazer as accusações e o perigo em que arrebatamentos de indignação podem collocar a justiça. Esperemos portanto a hora em que tudo será posto no claro.

Prepara-se para o enterro das victimas uma grande manifestação dolorosa em que deve figurar uma grande parte da população de Lisboa. Hão de incorporar-se no funeral, como protesto contra o crime de seus compatriotas, os corpos gerentes da Associação hespanhola *La Fraternidad*.

Os ultimos dias foram famosos em crimes, e alguns até tiveram o que quer que fosse de rocambolesco. A fuga do celebre Marcellino Gomes, que em Queluz assassinou o Januario Baptista e tanto deu que fazer á policia, parecia dever constituir uma boa serie de capitulos, quando, e quando menos se esperava, a fome obrigou o heroe a entregar-se nas mãos da autoridade.

A vida real está fornecendo mais dramas que os theatros, tanto mais que já vamos entrando no verão e com o calor o publico acha-se menos disposto sempre para as grandes commoções.

Ferreira da Silva, que no sabbado fez a sua festa artistica no theatro de D. Maria, já foi escolher a sua peça ao repertorio de comedia allemão.

E, outra vez, lá está o theatro do governo posto a concurso, não tendo sido acceita por deficiencia de preço a proposta no concurso passado apresentada pelo emprezario Taveira.

Veremos o que d'esta vez succede e queira Deus que alguma coisa possa, já tão fóra de tempo, lucrar a arte portugueza.

Estamos no verão, não tarda. Já o kalendario theatral marcou a chegada da zarzuela ao theatro D. Amelia. A maioria dos actores já são nossos conhecidos. Lá vem entre elles o Nadal, o indispensavel, tão querido do publico de Lisboa. Foi a estreia no sabbado, com tres zarzuelas: *La Mala Sombra*, que pela primeira vez se cantou em Lisboa, *Ensenanza libre* e *Agua, azucarillos y aguardiente*.

O genero tem grandes apaixonados em Lisboa e, emquanto a companhia portugueza de comedia vae dar seu giro até á Madeira, tangos, peteneras e malagueñas asseguram enchentes ao theatro.

Mas a verdadeira nota do verão, a nota popular, é dada pela abertura da feira de Alcantara. Desde ha dias que lá vemos os esqueletos das barracas erguendo seus braços para o ar: theatros, casas de comes e bebes, cafés de camareras, cavallinhos de páo, e sobretudo animatographos, muitos animatographos, que é agora a mania de toda Lisboa, sendo mais os animatographos que os habitantes, os emprezarios enriquecendo para se arruinarem nas casas dos outros, porque não ha espectadores que não sejam emprezarios, porque não ha rua, villa, beco, quinto andar, onde um animatographo não esteja a desenrolar fitas, fitas contando tudo melhor de que um livro, desde a paixão de Christo até á farça mais comica.

Era d'antes o verão para muitos um tempo aborrecido por causa dos exames dos rapazes que vinham perturbar as sestas dos paes, verdadeiros espectros temerosos. O espectro mudou este anno de natureza e vestiu-se de ponto de interrogação. Mas nem por isso melhorou. Haverá ou não haverá exames?

Eis a pergunta. A resposta ainda ninguem a sabe.

As ultimas noticias são favoraveis. Já o governo determinou que, por motivo das faltas dadas durante os dias da grève, nenhum alumno perca o anno nos lyceus. Alguns paes dos alumnos da Universidade de Coimbra reuniram, e em Coimbra estiveram os drs. srs. Vicente Monteiro, Reis Torgal e Emydio da Silva, tentando levar o complicado problema á melhor solução.

Sabe-se que cheio de boa vontade tomou conta da reitoria D. João de Alarcão. Mas estamos em fins de abril e por emquanto nada está definitivamente resolvido.

Conforme o seu pedido, foi exonerado de lente da Universidade o dr. Bernardino Machado, como consequencia dos casos a que nas passadas chronicas aqui nos referimos.

Continuam os alumnos militares nas escolas praticas de Mafra, Tancos e Vendas Novas.

Não é de admirar que na vida agitada que o paiz tem levado n'estes ultimos dias, muito se tenha falado em crise. Parece d'esta vez que os boatos se confirmam, menos no que diz respeito á sahida do sr. ministro da marinha que iria tomar conta da pasta dos estrangeiros.

O que ainda é incerto á hora em que nestas linhas pretendo dar conta do que se vae passando, é a escolha dos novos ministros, asseverando alguns que não quer o sr. Presidente do Conselho procurar remedio fóra do seu partido, dizendo outros que ao partido progressista irá buscar os futuros dirigentes das cadeiras que vagarem.

S. M. a Rainha D. Amelia e a Princesa de Waldemar no Campo Grande
(Instantaneo do sr. Benoliel)

Mais se diz que as cortes abrirão em maio, embora por pouco tempo, e que portanto a chegada do verão nem por isso dará grandes ferias aos politicos. Já o anno passado assim foi.

Não tardará o calor, que já um dia ou dois se manifestou, mais como ameaça do que com tyrannia, trazendo-nos uma trovoadita pequena. Logo voltou o tempo fresco com noites de pasmosa belleza.

Aproveitem os estrangeiros que ainda nos queiram visitar. Ao dos mais illustres temos aqui de accrescentar o nome da Princeza Waldemar, muito proxima parente da Rainha Sr.ª D. Amelia, esposa do filho mais novo do Rei Christiano IX, que se demorou entre nós, visitando detidamente Lisboa e seus bellos arredores, Cintra, Mafra, Azeitão, etc.

O calor não tarda a tomar posse do paiz. Lisboa com novos divertimentos prepara-se para recebel-o, sem as aggravantes da costumada semsaboria, tencionando uma recente empreza inaugurar novos divertimentos nos terrenos do Conde da Folgosa, á rua nova da Palma.

Esteja a população de maré para divertir-se é o que de coração lhe desejamos.

João da Camara

Conselheiro Theotonio de Ornellas

> Ditosa a patria que tal filho teve.
>
> Camões

A muito nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do Heroismo, da ilha Terceira, dos Açôres, grã-cruz da nobillissima ordem da Torre e Espada, de valor, lealdade e merito, pelos relevantes serviços prestados á causa da liberdade portugueza, acaba de celebrar, com grande solemnidade, o primeiro centenario do nascimento d'um dos seus filhos mais illustres e preclaros, justamente uma das figuras mais notaveis da famosa lucta por ella nobremente empenhada em defeza da rainha e da carta (1828-1832), que dentro das suas muralhas historicas tiveram a sua primeira proclamação e consolidação, atravez as maiores difficuldades e á custa dos mais acrisolados esforços de abnegação e de lealdade. Foi esse cidadão eminente o morgado Theotonio de Ornellas Bruges Avila Paim da Camara Homem da Costa Noronha e Ponce de Leão, descendente e representante directo dos primeiros donatarios da Ilha Terceira e dos famosos capitães Francisco de Ornellas e João de Avila, os heroes da independencia nacional no seculo XVII, tam singularmente assignalados pelo seu valor merecendo de el rei D. João IV os mais distinctos testemunhos de consideração e apreço, sendo o primeiro recebido em Lisboa, em plena côrte, com honras triumphaes, quando trouxe a noticia do vencimento e expulsão dos hespanhoes do castello de Angra, ultimo reducto que a dominação estrangeira teve em Portugal e que a intemerata bravura dos terceirenses havia reduzido á capitulação depois de um cerco de dois annos.

Nascido no palacio de Santa Luzia na cidade de Angra aos 25 de Abril de 1807, senhor de uma casa opulentissima, pois nella se tinha successivamente reunido cerca de trinta morgados e capellas, o morgado Theotonio de Ornellas, influenciado talvez pela corrente das ideias liberaes estabelecidas na Terceira desde 1810 pelos deportados da fragata *Amazona*, entre os quaes se contavam o celebre juiz dr. Ferreira Cardoso, o cirurgião Ignacio Quintino de Avellar os drs. Lopes, Lima e Ferrão, o conego regrante D. Francisco da Soledade, os padres Wanzeller, Ferreira Gordo e ainda outros liberaes extremes, mandados prezos para a Terceira como cumplices do heroe e martyr Gomes Freire, começou cedo a manifestar as suas ideias liberaes, devendo ter produzido no seu espirito uma decisiva impressão o patriotico movimento de 2 de abril de 1821 em favor da proclamação da constituição de 1820, estrangulada dois dias depois pelo capitão-general Stoceler, de quem foi declaradamente um intransigente adversario. Alferes de milicias de Angra em 1823, capitão em 1825, foi dos primeiros a jurar a carta constitucional em 1826, preparando o pronunciamento de 22 de junho de 1828, de que foi o mais dedicado e leal fautor, pondo ao serviço da causa liberal, mais do que a sua vida, o seu nome e a sua fortuna.

E' realmente extraordinaria a figura d'este rapaz de vinte annos, fidalgo, rico, gosando de um grande prestigio pessoal, collocado á frente de uma revolução, fazendo-a triumphar, adquirindo logo uma posição preponderante, ministro da guerra do governo provisorio (1828-1829), primeiro ajudante de campo de Villa Flor na famosa batalha de Villa da Praia (1829) recebendo a carta de conselho (1829), coronel inspector geral das ordenanças (1830) e presidente da primeira camara constitucional do paiz (Angra, 1831) fazendo parte do estado-maior de Villa Flor na expedição ás ilhas occidentaes (1831) foi emfim nomeado presidente da deputação que foi a Paris, apresentar á rainha e ao imperador as homenagens da regencia da Terceira e pedir ao egregio duque de Bragança que fosse collocar-se á frente dos heroicos defensores da causa liberal. Recebido no palacio de Meudon em 10 d'outubro (1831), tendo sido conduzido á França na escuna de guerra — *Ilha Terceira* — o primeiro navio que ostentou nos mares a bandeira azul e branca, o conselheiro Theotonio de Ornellas teve ali acolhimento o mais affectuoso e sympathico causando em suas magestades a mais lisongeira impressão. O glorioso general Lafayette procura conhecel-o e dá-lhe a honra de o receber felicitando-o calorosamente por sua dedicação á liberdade. O imperador, accedendo ás patrioticas solicitações por elle formuladas, parte para os Açores e em 3 de março de 1832 desembarca na cidade de Andgra e assume a regencia do reino. Em 5 de março o conselheiro Theotonio de Ornellas offerece-lhe um sumptuoso baile no palacio de Santa Luzia.

*

Foi neste memoravel periodo, que a fidalga generosidade, a inexcedivel lealdade e abnegação do conselheiro Theotonio de Ornellas deram prova a mais brilhante. Elle, que durante o periodo revolucionario fôra por assim dizer o thesoureiro geral da causa, dando bisarra hospitalidade aos emigrados, sustentando as forças militares, evitando que o bravo regimento de caçadores 5 sahisse da Terceira e se refugiasse em Inglaterra, fazendo malograr o pronunciamento de 22 de junho de 1828, a que visavam os realistas, tendo sido nomeado presidente da commissão encarregada de levantar nos Açôres um emprestimo de 400 contos para as despezas da campanha liberal (1831), conjunctamente com outros fidalgos terceirenses e michaelenses, toma-o firme, regeitando nobremente todas as garantias offerecidas pela regencia. Nesta generosa e patriotica acção, o conselheiro Theotonio de Ornellas, já ao tempo visconde deBruges, a titulo de inolvidaveis e relevantes serviços (1832), foi

acompanhado pelo 1.º visconde da Praia (pae do actual sr. marquez da Praia e Monforte), pelo 1.º barão de Fonte-Bella, pelo 1.º barão das Laranjeiras e pelo 1.º barão de Noronha. — a rainha, a carta, a patria, nada lhes deviam: — *haviam obedecido ás suas convicções e cumprido simplesmente o seu dever.*

Deputado ás cortes de 1834, par do reino em 1835, tendo tomado assento em 1836, logo nesse anno adhere á revolução de setembro e recusa approvar o protesto de alguns pares do reino contra ella. Assume a chefatura do partido liberal nos Açôres, funda o seu primeiro orgão na imprensa, adquirindo grande e legitima influencia, exerce as mais elevadas funcções publicas, governador civil e administrador geral do districto de Angra do Heroismo, preside annos successivos á camara municipal d'esta cidade, á junta geral, faz parte do conselho do districto, preside a numerosas commissões de utilidade para a sua querida patria, liga o seu nome á fundação de escolas, asylos, caixa economica, toma a iniciativa do primeiro monumento erigido em Portugal e Brazil á memoria do imperador-soldado (1845), adhere ao movimento da *patuleia* (1847) e é proclamado presidente da Junta Governativa de Angra do Heroismo. Presidente da camara municipal de Angra do Heroismo acclama rei de Portugal o sr. D. Pedro V (1855), tem a honra de receber a visita de S. A. o infante D. Luiz, duque do Porto, commandante da *Bartholomeu Dias*, á gloriosa cidade (1858) faz a acclamação deste principe como rei de Portugal (1862). Creada a medalha das campanhas da liberdade (1863) foi dos primeiros a recebel-a, com o n.º 9 (correspondente a todas as campanhas). Em 23 de julho de 1863 foi agraciado com o titulo de conde da Villa da Praia da Victoria. Falleceu em 25 de outubro de 1870 na sua Quinta da Estrella, suburbios da cidade de Angra do Heroismo. Os seus funeraes foram de uma excepcional imponencia. Mais de 20.000 pessoas fizeram a guarda de honra ao cadaver do grande e glorioso cidadão. O povo disputou ás authoridades, aos representantes officiaes, aos proprios parentes, o conduzir o feretro á sepultura (1). Foi um dia de luto geral.

O conde da Praia da Victoria, que sempre manteve até aos ultimos dias da vida, a sua proverbial generosidade, reconhecido como um disvelado e inegualavel protector dos pobres e desvalidos, morreu coberto de lagrimas sinceras e a sua memoria vive e viverá sempre coberta de bençãos agradecidas!

A' apotheose dos seus funeraes em 1870 correspondeu a apotheose da sua commemoração centenaria de 1907.

Lisboa, abril de 1907.

AUGUSTO RIBEIRO.

Cipriano Martinez Rücker

Não será em Portugal inteiramente desconhecido o nome deste artista, que no Porto completou sua educação musical com o notavel pianista allemão Oscar Cinna e com o sabio didatico Franchini, que tambem foi mestre do falecido maestro Gaspar da guarda municipal.

Conhecido será certamente em nosso meio musical, como maestro estrangeiro, que muito se interessa pela arte portuguêsa, pois que na Andaluzia tem feito executar sob a sua regencia, produções de autores portuguêses.

Se outros meritos o não recommendassem á nossa consideração, bastaria a circunstancia de elle se ócopar com tanto amor da arte portuguêsa, para merecer a homenagem de incluirmos o seu retrato nesta vasta galeria do OCCIDENTE, onde os artistas teem seu logar reservado.

Cipriano Martinez Rücker é natural de Cordova e principiou seus estudos de musica com o mestre D. Silverio López, e no Real Conservatorio de Madrid. Pensionado pela Deputação de Cordova, veiu para Portugal, onde, como acima dissemos, completou sua educação musical, com Oscar Cinna e Giovani Franchini.

A esta primeira epoca da sua vida artistica, correspondem duas composições: uma opereta portuguêsa, em tres actos *O Cabelleireiro de Palacio* (inedito) e a zarzuela em um acto *Quitese V la ropa* que foi posta em cena com exito nos teatros do Principe Afonso, de Madrid e de S. Fernando, de Sevilha.

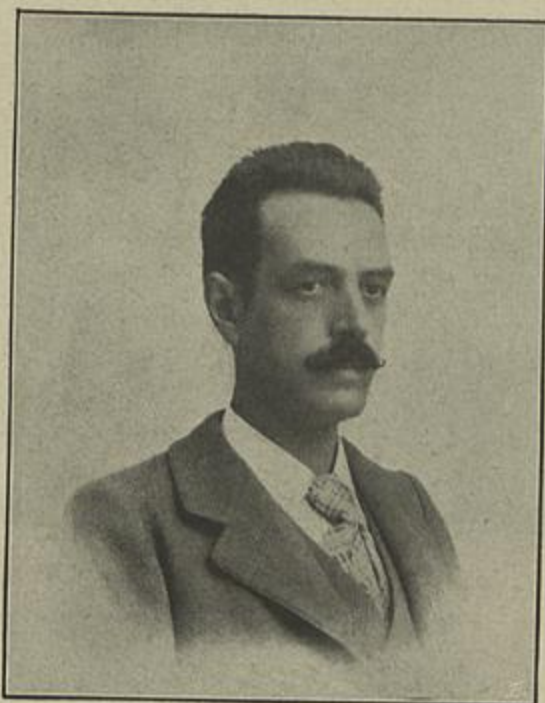
Estas primeiras tentativas revelaram seu talento musical que hoje se encontra em toda a plenitude produsindo obras de grande merito artistico.

Para o provar basta relancear os olhos pelos catalogos das importantes casas editoras de Ricordi, de Milão, Brandsbetter de Allemanha, de Neupart de Lisboa, de Madrid, de Barcelona, de Valencia, etc, onde aparecem publicadas muitas das suas composições para piano, canto e extratos de suas obras orquestraes. Varias destas ultimas tem sido executadas por orquestras de primeira ordem, como a de San Sebastian, dirigida pelo notavel maestro Goñi, formada de distintos professores, e da Sociedade de Concertos de Madrid, sob a direção do grande maestro Bretón.

Importantes academias de musica e maestros eminentes, como Bretón, Monasterio, Zubiaurre, Husle, Tragó, Sarasate e outros, teem elogiado com honrosas referencias suas composições de overturas, musicas religiosas e produções para piano.

A sua *Gavote* (estilo antigo) que Martinez Rücker dedicou á Infanta Isabel, de Espanha, mereceu a honra de ser executada por sua alteza.

O valor das composições de Martinez Rücker, prova-se pela aceitação que teem tido, contando numerosas edições.

Escritor, tem colaborado em diferentes jornaes e revistas do seu pais e estrangeiras. Publicou um

MAESTRO D. CIPRIANO MARTINEZ RÚCKER

livro de tecnica musical sob o titulo *Atravez da arte*, e um folheto intitulado *A Herencia de Wagner* com um prologo do maestro Bretón.

Cipriano Martinez Rücker tem sido membro de juris em concursos e certamens de musica, é commendador da ordem de Isabel a Catolica, cavaleiro da de Carlos III e de Afonso XII, cavaleiro da ordem de Cristo com que foi agora agraciado pelo governo português, oficial da Academia e diretor da Escola de musica provincial de Cordova, taes são os titulos honorificos do distinto maestro, a que póde ainda acrescentar o ser professor honorario e socio de merito de muitas sociedades musicaes, entre estas a Real Academia de Amadores de Musica de Lisboa e da Academia de Çiencias, Letras e Artes de Cordova. Ultimamente foi nomeado, sob proposta do maestro Bretón, socio correspondente da Real Academia de S. Fernando, e academico honorario do Real Instituto Musical de Florença.

Martinez Rücker é irmão da distinta ex-harpista do Real Teatro de S. Carlos, bem conhecida em Lisboa, D. Carmen Martinez, esposa do nosso presado amigo Luciano Lallemant, um artista tambem de valor.

IV Congresso Nacional contra a Tuberculose

A Liga Nacional Contra a Tuberculose, no empenho de combater quanto possivel aquelle terrivel mal, que hoje preocupa todas as sociedades cultas, porque a toda a parte elle mais ou menos leva sua acção de exterminio da pobre humanidade, reuniu, agora o seu quarto Congresso, na cidade do Porto, nas salas do Palacio da Bolsa, que a Associação Commercial generosamente cedeu para esse fim.

A sessão inaugural realissu-se no dia 4 deste mez, no magestoso salão arabe daquelle palacio, que á belesa e opulencia de sua arquitetura oriental, juntava artisticas decorações em que avultavam lindas plantas, destacando-se ao fundo do salão, onde se erguia um estrado com a mesa da presidencia, uma elegante palmeira, como um dos emblemas da ciencia.

Foi imponente a sessão inaugural, a que concorreram medicos de todo o país, no meio da assistencia da melhor sociedade portuense, em que não faltava o elemento oficial tendo á sua frente o prelado D. Antonio Barroso, presidencia da Camara Municipal, da Associação Commercial e de outras sociedades e corporações daquella cidade.

O illustre professor da Escola Medica do Porto sr. Dr. Candido de Pinho foi quem abriu a sessão na qualidade de presidente do Congresso e pronunciou o discurso de inauguração, a que se seguiram os discursos dos srs. drs. Julio de Araujo, Pinto de Mesquita e Alfredo de Magalhães, secretario do Congresso, que empregou toda a sua grande átividade e inteligencia na boa ordem e direção dos complicados serviços de um concurso desta naturêsa.

Este ultimo orador communicou á assembleia que a Direção do Club Fenianos Portuenses, apresentava á apreciação do Congresso o projéto de sua iniciativa para a fundação de um *Sanatorio Maritimo*, na Aguda, destinado a creanças pobres do Porto.

As bases do projéto são as seguintes;

a) Por iniciativa do Club Fenianos Portuenses, edificar-se-ia na praia da Aguda, a 16 ou 18 kilometros da cidade do Porto, e n'um terreno cercado de pinheiros, que constitue a offerta acima alludida (de um socio do Club), tendo de superficie uns 8.000 metros quadrados aproximadamente, um estabelecimento que tomaria a denominação de «Sanatorio Maritimo da Aguda» (fundado por iniciativa do Club Fenianos Portuenses) destinado a receber creanças pobres da cidade do Porto, que carecessem de tratamento que ahi se prodigalisasse.

b) A's despezas a fazer com edificios, installações, mobiliarios, etc., occorrer-se-ia com o auxilio pecuniario já offerecido pelos outros socios referidos do Club, com o producto de subscripções abertas para tal fim, e com as receitas obtidas por meio de espectaculos e festivaes publicos, para o mesmo fim organisados.

c) Para prover aos encargos ordinarios de sustentação do estabelecimento, crear-se-ia uma associação protectora, junto d'aquella instituição, á semelhança do que succede com o Asilo de S. João, do Porto; crear-se-iam receitas extraordinarias resultantes egualmente d'um ou mais espectaculos annuaes; fomentar-se-ia entre a população do Porto, sempre disposta a collaborar em obras de caridade e filantropia, a pratica de actos de beneficencia, levando-a a proteger a util instituição, com esmolas, com donativos e legados; e quando carecessem de tratamento no Sanatorio as creanças albergadas nos diversos estabelecimentos de caridade do Porto, estes estabelimentos pagariam as importancias dispendidas ordinariamente com os seus albergados, na proporção do tempo por que durasse o tratamento.

d) A primeira e provisoria administração do Sanatorio, seria exercida por uma commissão administrativa, composta dos ex.mos srs. presidentes da Camara Municipal do Porto, da Associação Commercial, da Associação Industrial, do Centro Commercial e do Club Fenianos Portuenses.

e) Cessaria a gerencia da commissão administrativa, logo que estivesse legalmente constituida a Associação Protectora do Sanatorio, elegendo-se d'entre os socios da mesma associação a respectiva direcção ou corpo administrativo.

Inutil é encarecer o valor desta iniciativa, e quando da reunião do Congresso outros beneficios não resultassem para o assunto de que trata, este seria só por si eminentemente pratico para o grande problema que se pretende resolver.

As sessões do Congresso verificaram-se desde o dia 4 até o dia 8, reunindo as suas varias secções, presidindo ás sessões da secção especial *a Tuberculose e a Escola*, o vice-presidente do Congresso, sr. dr. Tito Fontes, distinto medico do hospital da Misericordia do Porto.

Nessas sessões foram apresentados por seus autores os seguintes trabalhos:

1.º Federação das associações de soccorro mutuo na lucta com a tuberculose. — Professor Bombarda.

2.º Influencia do meio social no desenvolvimento da tuberculose. — Dr. Estevam de Vasconcellos.

3.º Como deve ser posto entre nós o problema da tuberculose. — Dr. Reis Santos.

4.º Adenopatias tracheo-bronchicas, sua importancia na lucta anti-tuberculosa. — Dr. Nogueira Lobo.

(1) O conde da Praia da Victoria foi sepultado no cemiterio do Livramento. Annos depois foram os seus restos trasladados para o carneiro da capella-mór da egreja do extincto convento dos Capuchos, jazigo de seus maiores, por piedosa dedicação de seu filho o 2.º conde da Praia da Victoria (Jacome de Bruges).

Congresso Nacional Contra a Tuberculose

Dr. Tito Fontes
Vice-Presidente do Congresso

Professor Dr. Alfredo de Magalhães
Secretario Geral do Congresso

Professor Dr. Candido de Pinho
Presidente do Congresso

Secção especial — *Tuberculose e Escola.*

1.º Doenças contagiosas na escola. — Dr. Costa Saccadura.

2.º Higiene e educação. — Professor Adolpho Coelho.

3.º Ensino da higiene na escola primaria. — Dr. Ladislau Piçarra.

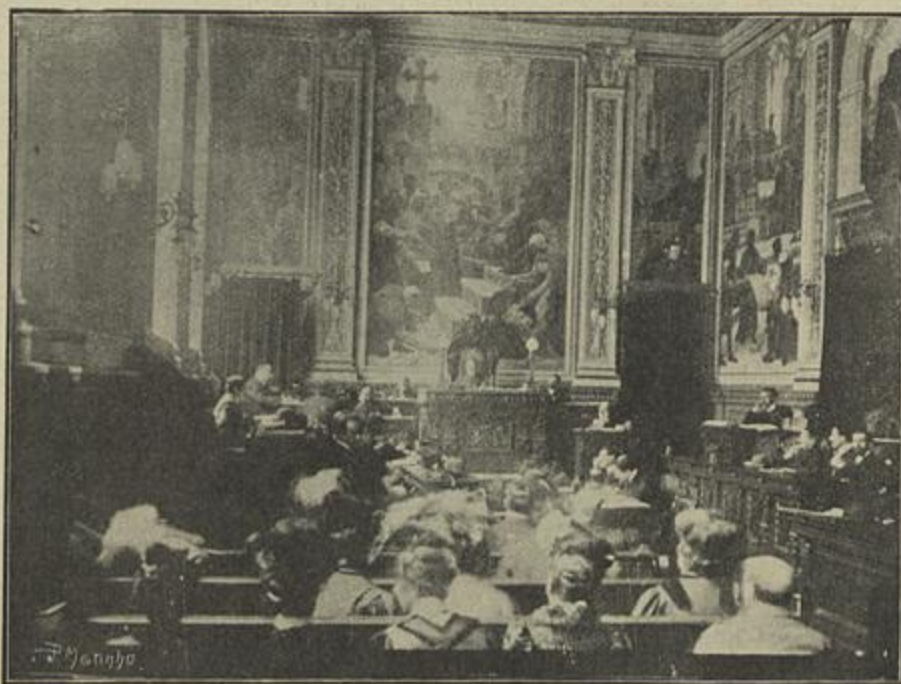
4.º Papel do medico escolar na sua dupla qualidade de fiscal e director da educação e saude phisica e intellectual dos alumnos. — Dr. Reinaldo dos Santos.

5.º Regimen apropriado dos alumnos predispostos á tuberculose. — Dr. Nogueira Lobo.

6.º Condições higienicas dos estabelecimentos escolares em relação á tuberculose. — Dr. Aleixo Guerra.

7.º Breves considerações sobre a higiene escolar nas escolas. — Dr. Mario Monteiro.

8.º A tuberculose nas classes ricas. — Dr D. Antonio de Lencastre e dr. Candido de Pinho.

9.º Communicação pelo dr. Lopo de Carvalho.

Uma sessão do Congresso na Sala do tribunal da Bolsa

10.º Estado actual da questão de immunisação para a tuberculose. — Dr. Angelo da Fonseca.

11.º — A miseria operaria e o regresso aos campos. — Dr. Ernesto de Vasconcellos.

12.º Nova farinha alimentar natural denominada Tromoisina — Sousa Reis.

13.º Penso protectivo da vaccina. — Dr.ª D. Sophia da Silva.

14.º Limpeza, varredura e desinfecção das escolas. — Dr. Guilherme Ennes.

15.º Horarios da escola primaria. — Dr. Pereira Barata.

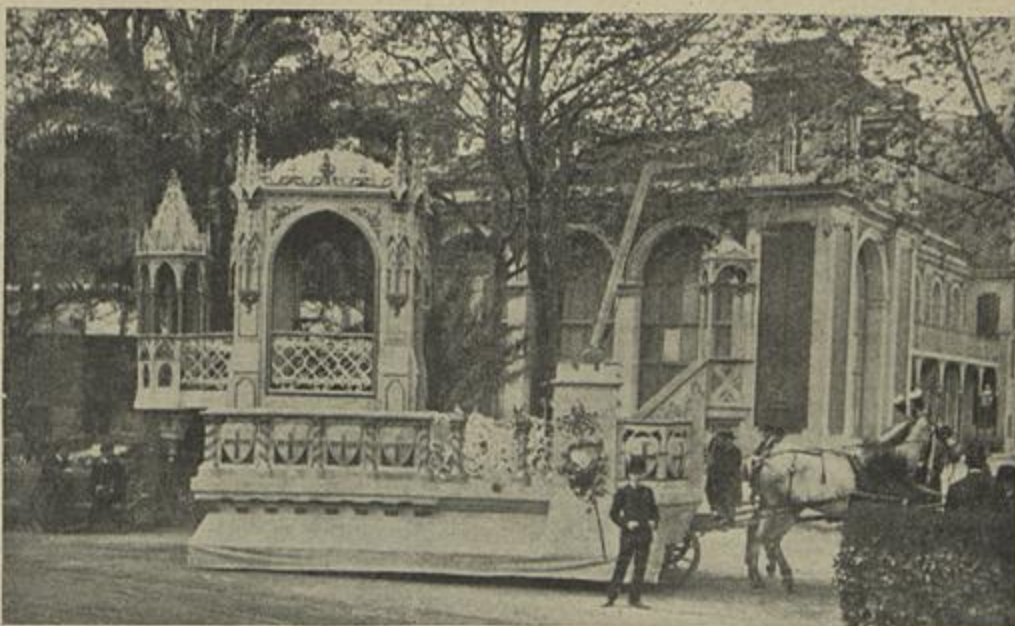
16.º Caderneta sanitaria individual. — Dr. Almeida Dias.

17.º Inconvenientes do ensino mnemonico nas creanças. — Dr. Jorge Cid.

18.º A escripta direita e a escripta inclinada, sua influencia na funcção respitoraria. — Dr. Costa Saccadura.

19.º Horarios e programmas escolares. — Dr. Sanches de Moraes.

Palacio da Bolsa do Porto onde reunio o Congresso
(De Fotografias)

20.º A hygiene escolar e a otorhinolaringologia. — Dr. Leite Valladares.
21.º Sedentariedade na escola. — Dr. Almeida Garrett.
22.º Necessidade de uma inspecção medica regular e methodica aos alumnos. — Drs. Almeida Dias e Pacheco de Miranda.
23.º Numero de tuberculosos do paiz.
24.º O eritema mucoso é uma tuberculide — Dr. Silva Carvalho.
25.º A questão do dualismo da tuberculose — Charles Lepierre.
26.º A tuberculose nas prisões — Dr. Luiz Viegas.
27.º As cadeias e a saude publica — Dr. Ernesto de Vasconcellos.

28.º Preservação infantil contra a tuberculose — Drs. Alberto de Aguiar, Julio Cardoso e Angelo Vaz.
29.º E' exequivel e, sob varios pontos de vista, muito util — designadamente sob o aspecto da drofilaxia anti-tuberculosa — implantar nas provincias a assistencia moderna, independentemente da acção governativa — Dr. Rodrigues de Gusmão.
30.º A cura da tuberculose pulmonar por meio das inhalações d'iodo e atmospheras iodozonadas — Dr. Eurico Mengo.
31.º Em que idade deve a creança principiar a aprendizagem da leitura e da escripta — Dr. Lopes Manita.
32.º Banhos e exercicios de natação — Dr. José d'Almeida.
33.º Passeios escolares — Dr. Ezequiel Barbosa.
34.º Antropometria escolar — Dr. Costa Ferreira.
35.º Doenças contagiosas na escola — Dr. Costa Saccadura.
36.º Vigilancia do alumno fóra da escola — Dr. Alves dos Santos.

Carro de Honra dos Girondinos — Carro de Honra dos Fenianos — Carro da Caridade — Carro da Ciencia — Carro do Sanatorio

O CORTEJO ALEGORICO DO CLUB DOS GIRONDINOS

(Fotografias do sr. Victorino Soares)

37.º Jogos ao ar livre — Dr. Ladislau Piçarra.
38.º A prophilaxia da tuberculose nos estabelecimentos de ensino — D. Alberto Gonçalves.
39.º A iniciativa particular na lucta contra a tuberculose — Dr. Antonio d'Azevedo.
40.º Alguns assumptos dignos de estudo em futuros congressos — Dr. Silva Carvólho.
41.º A mulher na lucta contra a tuberculose — Drs. Sobral Cid e Candido da Cruz.
42.º Ascendencia e descendencia dos tuberculosos — Drs. Antonio Coelho e Manoel Laranjeira.
43.º A tuberculose como impedimento matrimonial d'ordem pathologica, segundo o moderno direito e o ultimo congresso internacional de tuberculose, realisado em Paris — Dr. Sebastião Pereira de Vasconcellos.
44.º Um tratamento da tuberculose — Dr. Marques Guimarães.

Nos diferentes trabalhos apresentados ao Congresso avultam, especialmente, os preventivos contra a tuberculose iniciados nas escolas.

E' melhor prevenir do que remediar e não obstante a ciencia não descançar no estudo de curar a tuberculose, é certo que ella reconhece como meio mais proficuo atacal-a na causa.

Os votos finaes desta sessão do Congresso, dirigem-se principalmente á escola, onde com razão convem atacar o terrivel mal, e assim apresenta as seguintes conclusões:

A Liga Nacional contra a tuberculose, pelos seus differentes nucleos, resolve tomar a iniciativa para federar em *allianças regionaes* as associações de soccorros mutuos das suas respectivas circumscripções.

Estas allianças regionaes terão por fim:

1.º Estudar os melhores meios de fazer uma educação anti-tuberculosa da população associada, quer pela propaganda, levada até ao lar domestico, quer pela acção pratica dos medicos das associações, inspeccionando pessoas e residencias, fazendo conferencias, etc,

2.º Contribuir pelos seus fundos de reserva para o movimento de casas operarias higienicas, por intermedio de sociedades de construcção já constituidas ou a constituir.

1.ª a) Que o governo mande installar urgentemente todas as escolas primarias e secundarias do paiz, em estabelecimentos do Estado, construidos conforme os requisitos higienicos da actualidade.

b) Que seja desde já banido das nossas escolas e substituido por outro mais conforme com os principios bem estabelecidos da sciencia sanitaria escolar, todo o mobiliario defeituoso existente.

2.ª — Que em todas as escolas primarias se organise um pequeno laboratorio onde os alumnos aprendam experimentalmente as noções elementares de higiene por meio das chamadas «Lições de cousas».

3.ª — Que nas escolas normaes se criem cadeiras especiaes de higiene escolar e rudimentos de antropometria.

4.ª Que os medicos escolares tenham representação permanente no conselho superior de instrucção publica e nos conselhos escolares.

5.ª — Que a matricula na escola primaria se torne obrigatoria apenas aos 7 annos e facultativa aos 6 e que sejam organizadas convenientemente em todo o paiz as escolas maternaes e infantis.

6.ª *a)* Que se nomeie uma commissão de medicos e educadores para estudar o problema da educação das creanças mentalmente anormaes e que se elaborem as horas para a organisação de institutos especiaes onde se ministre essa educação.

b) Que se estabeleça em cada uma das paroquias do reino um *conselho de familia escolar* para exercer a vigilancia das creanças fóra da escola, com as faculdades e meios que se tornam necessarios para o desempenho dessa funcção.

7.ª *a)* Que seja obrigatorio o uso da caderneta sanitaria e individual para todos os graus de ensino individual e particular; e que se solicite a nomeação de uma commissão de pedagogos e de medicos para organisar o modelo ou modelos a adóptar e elaborarem instrucções para a sua execução uniforme.

b) Que seja obrigatoria a inspecção medica escolar em todos os estabelecimentos de ensino, ou, pelo menos, que haja um medico-inspector junto de cada sub-inspecção escolar.

8.ª Que o ensino da leitura e escripta direitas, na escola primaria seja recommendado de preferencia ao ensino da leitura e escripta inclinadas.

9.ª Que se organise o mais depressa possivel uma *Liga de higiene escolar.*

Estas conclusões foram aprovadas por unanimidade.

*

Com a inauguração deste congresso foi tambem inaugurada nas dependencias do Palacio da Bolsa uma exposição de higiene, a que tambem se pode chamar exposição industrial.

Foi um certamen interessante a que concorreram expositores do Porto como de outras terras do país e em que, sob o ponto de vista de higiene se apresentaram mobiliarios, modelos de casas de habitações, papel de forrar paredes proprio a receber lavagens, da fabrica de Antonio Cardoso da Rocha, illuminação, loiças, viveres de toda a especie, fabricações especiaes, como a de bolachas da fabrica de Eduardo Costa, de Lisboa e de chocolates higienicos da firma J. A. Iniguez & Iniguez tambem de Lisboa, vinhos e licores, queijaria e manteigas nacionaes etc.

Foi este certamen mais uma manifestação do trabalho e da actividade da capital do norte, e que mais interessou o publico, que admirou a grande variedade dos artigos expostos e a sua boa apresentação.

*

Teve o Congresso a sua parte festiva que se repartio pelos dias em que o mesmo funcionou.

No dia 4 houve uma recita extraordinaria de gala no teatro de S. João, pela companhia de D. Maria, com a representação do drama de Marcelino de Mesquita *Leonor Telles.*

No dia 6 tourada á antiga na praça da Alegria e passeio dos congressistas a Leixões.

No dia 7 cortejo do Club dos Girondinos, que precorreu as principaes ruas da cidade e que constou de varios carros alegoricos em que se destacava o seu *Carro de Honra, Carro da Ciencia,* da *Caridade,* do *Sanatorio,* do *Futuro do Homem,* da *Ilha dos Amores,* do *Vinho,* dos *Padeiros,* etc. A estes carros juntou-se o *Carro de Honra do Club dos Fenianos* e o da *Cidade do Porto,* bem como os cavalleiros de S. Graal e cortejo de escravos romanos.

Foi imponente esta parte do programma das festas, ainda que um tanto prejudicado pelo tempo chuvoso.

A' noite houve concerto no salão arabe do Palacio da Bolsa, óferecido aos congressistas.

No dia 8 realisou-se no Palacio de Cristal uma grandiosa batalha de flores.

Assim recebeu a cidade do Porto os homens de ciencia que de todo o pais se foram ali reunir na mais elevada das missões, qual a de cuidar da humanidade enferma.

O Porto na recepção que lhes fez não desmentio sua tradição de terra hospitaleira e bizarra, sempre na vanguarda de todas as iniciativas e progressos.

A TEMPESTADE

(Armand Silvestre)

A tia Mathurina não consentiu que Joanna fosse vel-a uma só vez. E, o que ella nunca poderia suppor, Mathias não pôde transgredir essa prohibição.

Pareceu da mesma opinião da velha mulher. É que, nos seus sônhos de doente, o pobre Lohic repetira tantas vêzes o nome de Joanna e com taes ternuras desesperadas na voz, que o piloto receiava ter comprehendido que entre elles houvesse alguma outra ternura. Joanna, que elle via todos os dias em casa de sua tia, parecia comtudo, decidida a cumprir a sua promessa. Deixára officialmente pedir a sua mão a Mathurina, e viu esta, sem de forma nenhuma protestar, a trabalhar no seu enxoval.

A rapariga ouviu os projectos de felicidade do velho piloto, sem lhe responder, mas com um vago sorriso nos labios que elle podia tomar por um consentimento.

Um dia em que ella resava no momento em que elle entrou, deixou cahir do seu livro de orações uma rosa pequenina.

Mathias abaixou-se para a apanhar e entregar-lh'a, mas vivamente e a toda a pressa, ella antecedera-o e escondera-a no seu seio.

Mas o velho marinheiro vira esse movimento.

— Quem lhe deu essa flor? perguntou elle inquieto e sem dar por tal.

A creança, lançou-lhe um olhar de tristeza e respondeu commovida:

— Foi Lohic.

E como um olhar de angustia passasse tambem pelo olhar do piloto, acrescentou:

— Deus não prohibe que a gente se recorde.

Mathias não insistiu, mas uma duvida terrivel entrára no seu coração.

Retomando o seu logar, uma hora depois, á beira do leito de Lohic, convalescente, disse para o rapaz:

— Que me responderias tu Lohic, se eu, que uma vez te salvei a vida, te pedisse, n'este instante, alguma cousa em paga?

— Responder-lhe-hia, sr. Mathias, que a minha vida é sua. Dispônha pois d'ella como lhe approuver.

Após um silencio penôso e um tremulo na voz, o piloto proseguiu:

— Não te peço tanto, rapaz. Dá-me sómente esse réles annél de cóbre que trazes sempre no dêdo.

Lohic teve um sobresalto no leito e fêz-se pallido.

— Ah, isso nunca! disse elle com uma colera no olhar.

— Então foi Joanna quem t'o deu? continuou Mathias com uma vós abafada de dôr.

— Se o sabe, para que é que m'o pergunta? respondeu Lohic fechando os olhos, porque essa emoção lhe exgotára as forças.

O piloto ergueu-se com os olhos cheios de lagrimas, beijou a fronte do rapaz, que uma especie de somno invadira. Auscultou-o e certificou-se de que elle dormia.

— Perdão! murmurou este. Depois, n'um canto do quarto, deante d'um crucifixo velho, ajoelhou-se pedindo a Deus coragem. Tranquilisado, uma grande resignação na fronte, enfiou na cabeça o barrete de lã, e, tomando o caminho da casa da tia. Mathurina, que encontrou a cosêr n'um vestido branco:

— Então o enxoval estará logo prompto? disse elle n'uma vós quasi rude, para querêr sêr muito alegre.

— Está agora muito apressado, tio Mathias — respondeu a velha — para quando precisa d'elle?

Muito simplesmente, d'esta vez, no tom admiravel do sacrificio, o piloto respondeu, olhando para Joanna:

— Para quando Lohic estiver bom!

20-4-907.

Mario de Santa Rita.

A «GRÉVE»

I

Lendo, ainda recentemente, o discurso que D. Tomás de Vilhena pronunciou na 3.ª sessão do Congresso Catholico Internacional de Lisboa, no dia 27 de junho de 1896, impressionou-me este assérto, deveras exemplificador em factos ocorrentes:

«Na *gréve* é sempre o operario o prejudicado;...»

Importa, porém, evitar que continue a suceder assim, e importa que cada um cumpra o seu dever, unico meio e remedio «para resolver a questão social, para curar a sociedade» consoante se exprimiu o ilustre membro do Instituto, Georges Picot, em Paris, na sessão soléne da Conferencia Ozanam, em 26 de junho de 1891.

Nunca cessará a luta dos interesses, e jámais brilhará nos horisontes da humanidade um sol sem manchas.

E' isto penôso e triste; mas certissimo, irremovivel, irremediavel — uma lei de bronze!

«A *gréve,* lê-se no volume *O Operario Português na Questão Social,* de que é autôr Fernando Emygdio da Silva, é uma consequencia do systema capitalista, opprimindo em toda a sua vida o trabalhador. Este, que não pode individualmente reagir, teria de soffrer resignado todas as imposições, porque em contrario seria despedido, esperando-o então a miseria maior da vida desoccupada. Para poder impôr as suas condições ao patrão, colligam-se todos os operarios de uma fabrica e resolvem abandonar collectivamente o trabalho. Diante de um prejuizo maior, os patrões ver-se-hiam obrigados a ceder ás pretensões do salariado.

Eis assim justificada a essencia das *grèves.* Vejamos o problema da sua legitimidade.

Proclamada que está a liberdade de trabalho, nós não podemos duvidar que ao operario assiste o direito de sahir, quando queira, do exercicio da sua profissão. Quando por unanimidade, os trabalhadores de uma fabrica reconhecem não poder continuar, por qualquer motivo, nos seus empregos, é indubitavel que delles se podem demittir collectivamente, devendo apresentar aos seus patrões as novas condições, em que desejam ser contractados.

Mas quando apenas uma parte dos trabalhadores (e é o caso mais vulgar) se quer declarar em *grève?* Neste caso entendemos fazer uma distincção. Quando os *grévistas* estiverem em maioria esmagadora, deve consentir-se que impeçam, por meios brandos, pela persuasão, os seus companheiros, que quizerem trabalhar, intervindo apenas a auctoridade quando haja violencias. Neste caso é legitima a *grève.*

Quando, porém, a maioria dos *grévistas* não fôr consideravel, ou quando estejam em minoria, nós entendemos que a ordem deve ser estabelecida immediatamente pela força armada, que protegerá a entrada na fabrica de todos os que quizerem trabalhar. Baseia-se esta nossa opinião em que no primeiro caso não seria razoavel que uma minoria diminuta fizesse gorar as pretensões da quasi totalidade dos salariados, que se presumem justas; de resto uma immensa maioria havia de conter em respeito os poucos operarios que quizessem trabalhar. No segundo caso, sendo muito discutivel a necessidade da *grève*, parece-nos necessaria a intervenção da força publica, que saberá fazer respeitar as vontades dos dois partidos; além disso é conveniente por vezes uma repressão para que se não abuse de processos violentos, que aliás felizmente vão sendo abandonados. Leis especiaes, prevendo todos estes casos, teem apparecido no estrangeiro.»

N'um volume subordinado ao titulo — *Considerações submettidas ao Centro Catholico do Porto*, o seu autôr, José de Saldanha Oliveira e Sousa, aludindo a uma enciclica de Leão 13, traça estas palavras:

«A quantos, que se dizem amigos dos trabalhadores, convirá esta recommendação:

— Deixar cada um livre de dirigir os seus negocios, como entender, e não impedir que pessoa alguma disponha do seu trabalho, como lhe convier! —»

O trabalho, que D. Indalecio Martinez Alcubilla, na sua *Guia Moral de la Juventud en Materia Penal*, denominou «lei fatal da natureza e o tormento maior e mais constante da preguiça» o trabalho, certamente, garante o homem, a quem honra e nobilita mas não o constitue maquina, esmagando-o, ou, acorrentando-o.

A lei, só, tem o poder de obrigar.

E a consciencia humana tão convencida está desta verdade, que éla acha-se formulada, em principio, no codigo fundamental dos povos cultos.

«Em theoria, disse Alvaro Valladas, no livro *Economia Elementar e Legislação Industrial*, o direito dos operarios se constituirem em *grève* é incontestavel, porque cada qual pode dispôr do seu trabalho como lhe convenha, desde que não falte á fé dos contractos, nem prejudique os direitos d'outrem.»

Na obra *O Socialismo e a Igreja*, por Pinheiro Marques, esclarece-se este assunto com tal nitidez que não resisto a inserir aqui os periodos seguintes:

«Considerada em these, á face dos principios da justiça e do direito, a *grève* será licita e justa?

Quando não seja provocada nem mantida pelo crime, pela fraude ou pelas violencias, quando se respeite fundamentalmente a liberdade do trabalho quando se tenha em vista unicamente melhorar com justiça as condições dos trabalhadores, a *grève* considerada em si, é licita e justa.

Quando, por exemplo, os patrões, esquecidos dos seus deveres e confiados na sua superioridade, tornando-se ambiciosos, egoistas, descaroaveis, cerceiam os salarios, augmentam as horas de trabalho, sacrificam a saude dos operarios ou os obrigam, emfim, ao que não é justo nem legitimo, sem outra causa justificativa alem da sua insaciavel avidez de ganho, appoiada na persuazão de que as victimas, só porque são mais fracas, hão de submetter-se irremediavelmente ás condições impostas pelo leão, achamos que aos operarios assiste o pleno direito de lançarem mão do unico recurso que lhes resta para obrigarem os seus tyrannos ao cumprimento dos seus deveres de justiça.

E não só a *grève* é justa nos casos em que o patrão deixa de se conformar com as condições estipuladas no contrato, mas é egualmente licita quando as condições do trabalho são originariamente injustas e oppressivas dos trabalhadores. Quando o operario presta o seu consentimento a condições pesadas e duras, não livremente, mas coagido pela necessidade, não se obriga realmente perante a sua consciencia e tem o direito de exigir, quando o julgue conveniente, mesmo pela ameaça de cessar immediatamente o trabalho, que essas condições sejam modificadas conformemente aos dictames da recta razão e em harmonia com os principios da justiça distribuitiva.

Se, por exemplo, o operario, coagido pelas suas circumstancias precarias, se viu forçado a acceitar condições leoninas a respeito do salario e da duração do trabalho, quem lhe recusará o direito de em qualquer occasião, reclamar o augmento do salario ou a diminuição das horas de trabalho? E se a *grève* fôr o unico meio de que dispõe para fazer valer as suas justas reclamações, como é que se lhe hade negar o direito de lançar mão d'elle uma vez que se mantenha dentro dos limites do justo e do razoavel nas suas pretensões?»

A *grève*, pois, não é um atentado punivel, assenta em base logica.

Existe, creada, uma das melhores instituições tendentes a dirimir dificuldades e a serenar conflitos entre operarios e patrões.

De similhante instituição, denominada — tribunal d'arbitros avindores — escreveu E. Savigné, citado por Alvaro Valladas no livro já atrás indicado:

«O fim principal da instituição dos arbitros é a conciliação. Portanto, todos os esforços dos membros dos conselhos d'arbitros devem tender para esse fim, e para isso deverão empregar no exercio do seu ministerio toda a placidez e moderação de que fôrem capazes; deverão ajudar as partes a explicar-se e facilitar-lhes a discussão; esforçar-se-hão por bem comprehenderem o objecto da difficuldade, e applicar-se hão a adivinhar-lhe o verdadeiro motivo, investigando se o pleito é resultado de invejas, de malevolencia, ou de vinganças, funestas paixões que, muitas vezes, ateiam nas officinas dissenções e desordens; terão attenções especiaes para a parte timida e embaraçada, que não saiba fazer-se comprehender, e estarão de sobre aviso contra as pretenções dos demandistas pertinazes e impassiveis.

Os arbitros deverão despojar-se da toda a rudeza de expressão, de toda a vivacidade de palavras, e, fazendo comprehender ás partes os seus direitos e semrazões, deverão haver-se com prudencia e circumspecção, e esforçar-se principalmente, por meio da persuasão, de palavras brandas, de leves admoestações e de exemplos judiciosamente comparados e adduzidos, para fazerem entrar na via da justiça e da razão a quem tentar apartar-se d'ella.

A missão dos arbitros tem, pois, além da questão de interesse, alto alcance moral; é uma missão generosa, de completa abnegação e dedicação.

Para com as partes, não é menos importante, é uma verdadeira missão paternal, cheia de delicadeza e de benevolencia.»

Não ha hesitações possiveis ácêrca do grau de saluberrima influencia dos tribunaes d'arbitros avindores, quando compondo-se de pessoas perfeitamente compenetradas do seu papel simpatico; entretanto, no momento atual, não abundam ainda e as condições individuaes de meio desproporcionam-se-lhes tristemente.

Será sempre assim?

(Continúa).

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Sociedade dos Architectos Portuguezes (*Associação de classe fundada em 11 de dezembro de 1902) — Annuario — M. C. M. V. I — Anno 2.º — Lisboa — Typographia do Commercio — 1906.*

Esta já benemerita sociedade, sem embargo do pouco tempo de existencia que conta, fez imprimir o seu segundo annuario, illustrado com bastantes estampas, entre as quaes as do retrato do falecido José Geraldo da Silva Sardinha, notavel diretor que foi da Academia Portuense de Bellas Artes.

Para que os leitores possam formar juizo do interesse e importancia assumidos por tão prestimosa associação, transcrevemos em seguida o sumario do presente volume, cujo texto propriamente dito abrange 68 paginas; eil-o pois:

«I *Anno associativo* — 1905-1906 — Assembléa geral: Extracto das actas das sessões — Conselho director: Relatorio — Commissão Revisora de Contas: Parecer — Bibliotheca: Relatorio — II Biographias: José Geraldo da Silva Sardinha, por A. B. — III *Interesses geraes de classe*: Serviços de architectura. Representação ao governo — IV *Assumptos technicos*: As novas edificações de Lisboa, por J. L. Monteiro (architecto) — Premio Valmor, 1902 a 1905 — Sociedade Nacional de Bellas Artes. Séde social. Salão de exposições (concurso) — Evolução geral da architectura em Portugal (Estudo sobre a), por Ad. Marques da Silva (architecto) — A habitação, por J. Lino de Carvalho (architecto) — V *Legislação*: Legislação portugueza sobre edificação, por A. d'Ascenção Machado (architecto) — VI *Varia*: Emblema associativo — Saneamento moral, por J. Lino de Carvalho (architecto) — VII Congresso internacional de architectos, por J. Alexandre Soares (architecto) — Pro Labor — Educação operaria, por A. M. Costa Campos (architecto) — Excursão a Evora — Supplemento».

No citado suplemento acha-se o inventario das obras existentes na bibliotéca da sociedade, que ascendem a 466.

Pelo que fica exposto vê-se que a idéa louvavel da congregação dos nossos arquitétos frutificou e promete continuar a progredir.

Felicitamol-a calorosamente.

NECROLOGIA

Conde de Campo Bello

Perdeu a sciencia um de seus mais illustres cultores, no Conde de Campo-Bello, cujo nome era bem conhecido no paiz, como no mundo scientifico, pois eram seus trabalhos tambem conhecidos no estrangeiro, onde foram devidamente apreciados.

O dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, Conde de Campo-Bello nasceu em Braga, a 22 d'abril de 1847. Filho legitimo de João de Paiva da Costa Leite Brandão, senhor do Morgado do Pomar, moço Fidalgo da Casa Real, e de D. Miquelina Emilia de Faria, descendente duma illustre familia do Porto. (1) Aos 14 annos, em 1861, matriculou-se na Universidade de Coimbra, nas faculdades de mathematica e phylosophia. Em ambas obteve sempre os primeiros premios, provando sempre um vigor de recursos intellectuaes surprehendente. Formou-se nas ditas faculdades ao mesmo tempo, em 1866, e tomou o grau de doutor em phylosophia em 1868 apenas aos 21 annos de edade.

O jornal *O Conimbricense*, cujo juizo era muito digno de reparo pela opinião inquebrantavel e caracter do seu redactor, dizia então: «No dia 12 do corrente mez de junho, defendeu theses na faculdade de phylosophia o dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão. O joven academico deu mais uma vez um testemunho publico e prova irrecusavel do seu bem conhecido talento e aturado estudo nos diversos ramos de phylosophia natural. A expressão amena e correcta, a visivel perspicacia e rigor logico, com que respondia á argumentação forte e acalorada de seus illustres professores, confirmaram nos que já conheciam o sr. Paiva o justo conceito que d'elle faziam, proporcionando a todos os espectadores a occasião mais solemne de avaliarem seus brilhantes dotes de espirito. Tudo nos faz crêr que o sr. Paiva ha de ser um incansavel apostolo da sciencia e mais um ornamento da faculdade de phylosophia».

A ceremonia cathedratica foi uma das mais imponentes que se tem realisado na Universidade, sendo padrinho do douctorando o sr. Infante D. Augusto.

Foi o primeiro filho da cidade de Braga que tomou capello em phylosophia depois da reforma da Universidade em 1772.

Causou admiração a dissertação inaugural, em geologia sobre o ponto que era: «As causas actuaes implicam as differentes epochas geologicas?»

O conselho da faculdade de phylosophia, resolveu que se solicitasse ao Governo auctorisação, para ser mandado o dr. Adriano de Paiva estudar chimica pratica nos principaes laboratorios estrangeiros e, nos Annaes da Universidade, encontra-se a seguinte nota:

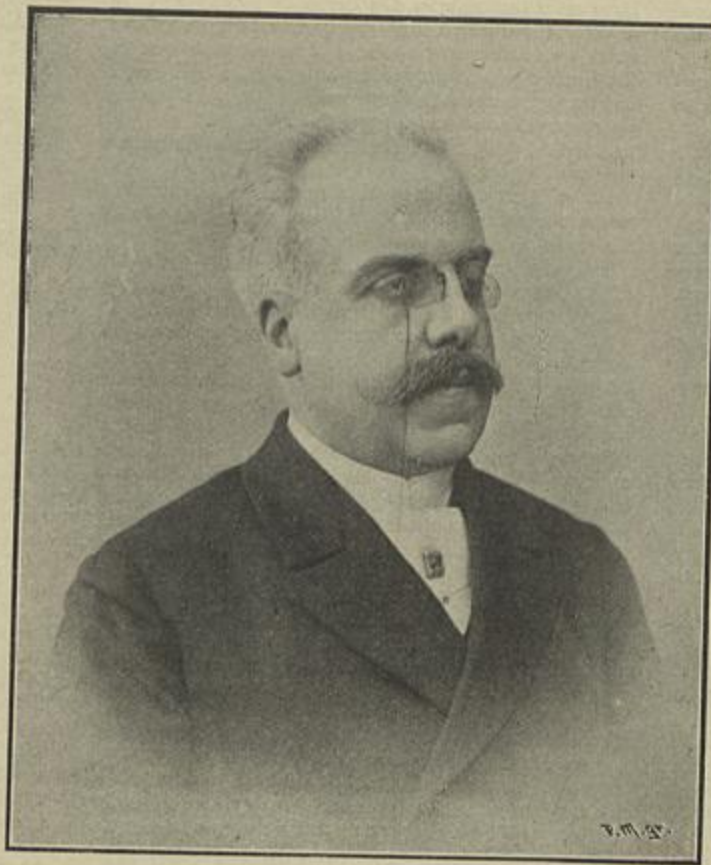
Doutorou-se na faculdade de phylosophia em 1868 o dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão que fez os seus actos grandes com distincção e que durante o seu curso obteve os primeiros premios, tanto na faculdade de mathematica como na nossa; é ainda moço e está por tudo isto nas melhores condições para ir fazer este estudo e vir depois como professor que deve um dia ser das cadeiras de chimica; etc.

Em 1871, uniam-se pelos laços matrimoniaes o futuro Conde de Campo Bello com sua prima D. Gertrudes Emilia Leite Pereira de Mello e Alvim, senhora dos morgados de Quebrantões e Campo-Bello duma das mais illustres casas do Porto. D'este casamento houve dois filhos: O sr. conde de Campo-Bello, Diogo, e D. Maria Luiza Leite Pereira de Paiva Tavora e Cernache.

(1) D'este matrimonio houve trez filhos: o Dr. João de Paiva de Faria Leite Brandão, já fallecido, o Dr. Adriano de Paiva (Conde de Campo Bello) e o Dr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, guardamór da Relação do Porto.

Em 1873, tendo fixado residencia no solar de Campo-Bello, concorreu ao logar de lente-substituto da secção de phylosophia da Academia Polytechnica do Porto e n'este intuito publicou a primorosa dissertação intitulada: *Exposição dos principios fundamentaes da Thermodynamica*. O concorrente triumphou como triumpha sempre o talento supremo, sendo nomeado lente-substituto da secção de phylosophia e, em 1876, promovido ao logar de lente proprietario da 6.ª cadeira, Physica.

D'elle disse o dr. Adriano Machado, que presidiu ao concurso, que «affirmava não conhecer ninguem que se avantajasse ao dr. Adriano de Paiva em nitidez e simplicidade com que tratava as mais arduas questões scientificas, nem revestil-as de maior alticismo de dicção, a ponto de poder tachigraphar as suas monumentaes lições sem ser versado n'esta arte».

Apparece-nos então o grande professor e o talentoso mestre. O estudo das sciencias physicas attrahem o seu espirito cultivissimo. E' importantissima a sua invenção e communicação, sobre a *Telescopia Electrica* que ultrapassou os conhecimentos do seu tempo, onde era applicado o metaloide *selenio* á transmissão de imagens a distancia por meio da electricidade. *Le systême de Mr. de Paiva* no livro *Le microphone* de Th. du Moncel, Bibliothéque des Merveilles, vem a par dos de Carey, Sawyor, Prosino, Senlecq, attribuindo-lhe a descoberta. Não o esqueceu tambem o professor Korn, de Munich ultimamente quando deu uma solução pratica ao prodigioso invento, dizendo que a parte inicial da grande descoberta se devia a Mr. de Paiva, nome porque é conhecido no mundo scientifico. Deu-se ella em 1878. Em 1879 communicava o illustre professor esta sua concepção scientifica a Gastou Tissandier, director de *La Nature*, dirigindo-lhe este homem de sciencia os maiores encomios; mas anteriormente, em 1878 pretendendo Sanlecq a prioridade da sua descoberta, o dr. Adriano de Paiva replicou-lhe em termos tão nitidos e tão rigorosos, n'um opusculo publicado em francez e em inglez, que destruiu pela base a argumentação do homem de sciencia estrangeiro que d'ella se queria gloriar. O seu nome está portanto na Historia da Sciencia.

CONDE DE CAMPO-BELLO

Exerceu por vezes o cargo de Director da Academia Polytechnica do Porto, logar de que deixou gratas recordações tanto a alumnos como a collegas.

Quando em 1902 completou 20 annos de serviço, os seus collegas n'uma festa intima, no Palacio de Crystal, testemunharem-lhe o apreço em que tinham as suas faculdades de professor e a nobreza do seu caracter fidalgo; os estudantes entregaram-lhe solemnemente um grande quadro em pergaminho, com illuminuras e a figura da sciencia, em que se lê:

Senhor:

N'uma vida consagrada á Sciencia e á Honra mais um anno — não são dias que se perdem no abysmo, são novas contas que se enfiam n'um rosario de merecimentos e benemerencias. Aquelles a quem ensinaes na cathedra e com o exemplo, saudamvos no dia em que nascestes. — XXII-IV-MDCCCCII.

No *Album Electricista* publicado como homenagem a Alexandre Volta em 1899, a par de outros sabios estrangeiros lá vem o nome e o retrato do dr. Adriano de Paiva.

Em 1887 foi eleito Par do Reino, sendo apreciado como orador sabio, claro e eloquente. Exerceu durante 14 annos o cargo de presidente da direcção da vetusta Companhia de Vinhos do Alto Douro, dando provas da plasticidade excepcional do seu talento, no modo habil como administrou essa poderosa casa commercial. — Moço fidalgo da Casa Real, como seu pae, era tambem membro da Academia Real das Sciencias, do Instituto de Coimbra, de *La Societé Internationale des Electriciens* e de varias outras sociedades scientificas.

Morreu no Porto, com 59 annos de edade, a 30 de março ultimo.